

NEM BATMAN, NEM CORINGA: O CAMINHO DO MEIO NOS MUSEUS

"Cuidado. Há um morcego na porta principal. Cuidado. Há um abismo na porta principal." Assim cantava Jards Macalé no final da década de 60. Naquela ocasião, beirando a casa dos trinta, Batman morcegava alheio ao movimento estudantil, às lutas dos negros e das mulheres e às aventuras e rebeldias dos hippies. Batman estava engajado na defesa dos valores da civilização ocidental, na defesa do capital e do consumo.

Hoje , o homem morcego - um pouco mais envelhecido, solitário e experiente - invade as casas, as ruas, as escolas, os postos de gasolina, os carros, em uma palavra: a vida. O símbolo de Batman não aparece apenas nos céus de Gotham City, mas também nos copos, cadernos, borrachas, chaveiros, plásticos de propaganda eleitoral, camisas, camisetas, camisinhas, bermudas, mochilas, bonés, ténis, vídeos e filmes. É a batmania.

Em relação ao filme Batman deixo aos críticos e aos cinéfilos a discussão em torno da fotografia, dos efeitos especiais, do desempenho dos atores, da trilha sonora e da maquilagem, para me deter na tentativa de nele identificar um campo de interesse para uma abordagem museológica.

O fato é que, para quem não sabe, em Gotham City existe um museu. Um importante museu de arte, capaz de rivalizar pelo seu acervo, pelo seu espaço físico, pelos serviços que oferece, com os mais

destacados museus de arte do Brasil e do Mundo. Neste espaço cultural de Gotham City desenvolve-se uma sequência de cenas que interessa estudar. Coringa, o arquivilão e arquinimigo de Batman, marca um encontro com Vicky, a namorada do herói, exatamente no Museu de Gotham City. O encontro é uma cilada. Vicky é a primeira a chegar ao Museu, e enquanto aguarda iludida a presença de seu namorado, o Coringa aparece com todo o seu bando, dançando freneticamente, pintando o sete. A entrada de Coringa no espaço museológico é, ao mesmo tempo, arrasadora e triunfal.

O silêncio quase místico das salas de exposições é quebrado pelo som funk. Esculturas são derrubadas e quebradas. Latas de tinta são jogadas em quadros de Rembrandt, Van Gogh, Velázquez e Gauguin símbolos maiores da arte. O aparecimento, também triunfal, de Batman impede que o Coringa conclua o rapto de Vicky.

Se por um lado o Coringa representa um atentado contra o espaço museal, uma tentativa de destruição de bens culturais: por outro, Batman representa, num certo sentido; a antevisão do perigo, a tentativa de preservação e "salvação". Através desses dois personagens estão representados caricaturalmente os impulsos de destruição e preservação, que trocam de sinal constantemente, e que de perto interessam à museologia.

A ação (ou intervenção) do Coringa não é revolucionária ou transformadora, não abre uma porta ou uma janela para um mundo novo, ela é conservadora, apesar da aparência de destruição. O Coringa pretende apenas implantar a sua própria estética aprisionada ao riso. Uma estética onde não existe espaço para mais nada que não seja Coringa. Ela equivale, por exemplo, às ações de depredação da natureza para a implantação de um progresso duvidoso. Ela equivale ainda às ações de supervalorização de uma corrente estética em detrimento de tudo que a contradiz. No entanto, ao tentar eliminar o contradizente ela prepara o caminho para a eliminação de si mesma. A ação do Coringa tem um acento claramente patológico, semente e fruto do ódio, do seu ser e estar torto.

Mas, em Batman também existe um acento patológico. Com sua indumentária dark, com seu caráter morcego (associado a vampiro, magia negra, morte e bruxaria) ele pretende "salvar" Gotham City. O seu

motor principal também é o ódio (dissimulado) com raízes fincadas na infância mal resolvida. A sua aparência de justiceiro esconde o anelo de vingança. Não se percebe nas ações de Batman um sentido transformador. Ele busca preservar. Preservar por preservar. Preservar a ordem (inquestionável), seja ela qual for. Batman é triste, o seu segredo está no útero da caverna morcego.

A ficção levada às telas, do ponto de vista museológico, está em consonância com a realidade. Batman, em sua outra identidade (Bruce Wayne), é um milionário, um colecionador, detentor de um rico e extravagante museu pessoal. Neste sentido, Batman é um dos arquétipos da profissão museal, quando vista apenas como ação preservacionista. Nesta ótica, o Coringa é tudo aquilo que pode pôr em risco a conservação. O Coringa é o perigo. O perigo é a luz, a humidade, a temperatura, o público, a poluição, o acidente, o vandalismo, o tempo.

Tentar eliminar definitivamente o perigo equivale a tentar eliminar a vida, e nisso não existe novidade alguma.

O fato importante de se observar é que Batman e Coringa são farinha do mesmo saco (um criou o outro), e que entre a estética do Batman que a tudo invade e a estética do Coringa que aprisiona, há um outro caminho.

Há um outro caminho para os museus que estão distantes do museu ficcional de Gotham City. Um caminho que sadiamente se abre para a convivência com o perigo. Este caminho já foi apontado pelo holandês Peter Van Mensh ao buscar estabelecer, em pequeno artigo, as relações entre a museologia e o amor.

No campo do amor, tão arado e tão desconfortável para as mentes concretas, é que se encontra espaço para o desenvolvimento das funções sociais e educativas dos museus. Nesta ordem de idéias, não basta adquirir, selecionar e preservar, é preciso socializar os bens culturais preservados, selecionados e adquiridos. Este continua sendo o desafio dos grandes e pequenos museus, que em sua maioria utilizam nas mais diferentes ações a lógica do argumento da autoridade.

Invertendo-se a orientação vetorial da ação do Coringa, que desagrega e sucateia o conjunto dos bens culturais do Museu de Gotham City, talvez se encontre uma pista para a charada museal. Para a surpresa de muitos essa pista aponta para um velho caminho: o da

reciclagem e do reaproveitamento geral dos materiais. Neste sentido, já existem diversas experiências, por exemplo: no Museu do Homem do Nordeste (PE), na Escola de Museologia (RJ), no Museu Lasar Segall (SP) e no Instituto de Museologia (SP).

A reinvenção, a reciclagem, de gosto tão brasileiro, vem sendo um caminho perseguido pelos museus que reinserem fragmentos de memória no panorama sócio-cultural.

Batman e Coringa, ao que tudo indica, contentam-se com o "museu de mim", alguns profissionais brasileiros investem epicamente no "museu aberto". Quem sobreviver verá.

Infelizmente, ainda há um morcego e um abismo na porta principal de muitos museus. Aterrorizado o público foge. Aos profissionais que se recusam a ser Batman ou Coringa cabe afastar o morcego e repensar a ponte sobre o abismo. Ao público cabe ousar atravessar o portal e verificar que a vida pulsa perigosamente.